

Uma aprendizagem de leitura e de vida

Marcel Vejmelka*

Em 2001 eu me encontrava no início do meu projeto de doutorado sobre **Grande sertão: veredas** e **Doutor Fausto** (de Thomas Mann), na Universidade Livre de Berlim. Minha orientadora, a professora Ligia Chiappini, me avisou que em agosto daquele ano iria acontecer um grande congresso sobre Guimarães Rosa e que valeria a pena tentar poder participar de alguma forma. Eu descobri que o Cespuc promovia um concurso de monografias em nível de pós-graduação, adaptei um capítulo da tese que já estava mais avançado e mandei o meu texto sobre as traduções da obra de Rosa para o alemão. Junto com a informação de que tinha sido colocado em segundo lugar, recebi convite para apresentar o meu texto no II Seminário Internacional Guimarães Rosa. Às pressas organizei a viagem. Confesso que não tive tempo para pensar o que esperar do congresso, ou melhor: o que me esperava lá. Foi uma semana inteira de mergulho no fascinante mundo rosiano, com palestras, comunicações, conversas interessantes com numerosos especialistas e, acima de tudo, a presença viva da obra de Guimarães. Um mundo que até então parecia de difícil acesso, principalmente ao iniciante nas leituras rosianas.

Voltei para a Alemanha com uma bagagem teórica e espiritual cuja riqueza eu consegui avaliar somente no decorrer dos anos seguintes, percebendo a cada passo do doutorado o quanto tinha aprendido, visto, escutado e vivido em Minas sobre a obra de Rosa e o “literário” em geral. Além disso tudo, tinha vivenciado a influência e importância que Rosa tem até hoje (ou melhor: cada vez mais) no Brasil, na América Latina, em outros países – ao contrário da Alemanha, onde apresentar uma pesquisa sobre Guimarães Rosa muitas vezes parecia ser um projeto anacrônico. Frente a essa realidade, a experiência do II Seminário Interna-

* Universidade Livre de Berlim, Alemanha.

cional me inspirava a confiança necessária para não desanimar e acreditar na relevância da pesquisa.

Defendi minha tese em junho de 2004, ainda a tempo para poder voltar “formado” a Belo Horizonte, à PUC Minas, encerrando simbolicamente um círculo que, em termos espirituais, se tinha iniciado ali. Além disso, esperava rever colegas que, na maior parte, tinha conhecido no mesmo lugar três anos antes e dos quais muitos já eram amigos.

Conto esta história pessoal para explicar a minha relação especial com o Seminário rosiano e com o Cespuc, que se confunde de maneira indissolúvel com a minha experiência com a obra de Guimarães Rosa e minha formação como pesquisador. E até parece que essas circunstâncias não se deram por acaso nem por sorte, são uma conseqüência da força misteriosa que também está contida e expressada nos textos rosianos e que move os leitores, intervindo na vida que chamamos de “realidade”.

Foi nesse contexto que voltei a Belo Horizonte em agosto de 2004. O III Seminário Internacional Guimarães Rosa se apresentou com uma estrutura um pouco reformulada, uma divisão em colóquios que reforçou o caráter de trabalho concentrado e discussões aprofundadas do congresso. A nova organização trouxe algumas vantagens, principalmente com respeito à possibilidade de se dedicar, durante vários dias e no marco de um grupo específico de pesquisadores, a determinados aspectos da obra rosiana. Por outro lado faltou a parte das grandes reuniões, como havia ocorrido no congresso anterior, por exemplo, por ocasião das palestras centrais de especialistas destacados da obra rosiana, no teatro da PUC. O essencial porém se manteve: o espírito descontraído e cordial do evento, que faz com que todos os participantes – do iniciante no ofício da crítica literária até o professor famoso – pareçam voltar a ser o que no fundo são: aprendizes no exercício da leitura, da reflexão e do viver.

O elemento vivo e vivificante do Seminário Internacional Guimarães Rosa se manifesta especificamente na sua programação cultural, que é mais do que simples adorno ou complemento do trabalho científico. Mais uma vez se destacaram os contadores de histórias de Cordisburgo e as apresentações teatrais, encenações e adaptações de textos rosianos que recuperam ou descobrem aquelas dimensões da obra que transcendem a sua forma impressa e contida nos livros. Sobretudo para o pesquisador estrangeiro é de grande importância e valor ter a oportunidade de escutar os textos de Guimarães Rosa, se aproximar através do ouvido da entoação e da musicalidade do falar sertanejo, participar da dimensão oral, que é essencial da escrita rosiana, e poder reconstruir o caminho até a principal fonte de inspiração, a matéria-prima do escritor. Dessa maneira, de volta a casa, a leitura silenciosa dos textos recupera sua vivacidade e revela novas dimensões de significação.

Minha participação no III Seminário Internacional Guimarães Rosa ficou marcada por uma sensação de ter sido acolhido com grande cordialidade, de ter sido integrado no mundo tão rico e vasto da literatura e cultura brasileiras e da obra rosiana, da pesquisa literária no Brasil. Para retribuir, somente posso oferecer o esforço sincero de compreender, aprender e formular, numa visão de estrangeiro e inevitavelmente distanciada, elementos para um diálogo no nível da leitura, da crítica e da concepção teórica.

A minha ponte entre o Brasil e a Alemanha se manifesta numa constelação de pessoas, o encontro com as quais, em grande parte, gira também em torno do Seminário Internacional Guimarães Rosa: a professora Ligia Chiappini, representante engajada da literatura brasileira na Alemanha, que teve a coragem de orientar um projeto de doutorado sobre Rosa nesse país; o professor Willi Bolle, que deixou a Alemanha para virar brasileiro e um dos maiores leitores da obra rosiana, juntando-a com o pensamento de Walter Benjamin. O professor Paulo Soethe, que fez um doutorado quase simétrico, em perspectiva inversa, comparando também Rosa e Thomas Mann. E, fundamentalmente, a professora Lélia Duarte, organizadora e força motriz do Seminário Internacional Guimarães Rosa, que me proporcionou a oportunidade de conhecer o mundo dos rosianos e me fez sentir à vontade desde o início.

Os encontros e as trocas de idéias reproduzem na realidade o que a obra rosiana sugere e realiza no plano literário: linhas biográficas espalhadas pelo mundo inteiro se cruzam e se juntam, pessoas se deslocam – migram – junto com o seu pensamento e suas tradições, leitores e obras em movimento fazem surgir novas reflexões e novos encontros. A própria obra de Guimarães Rosa se apropria de tradições literárias e filosóficas da Europa, da Ásia, da América Latina, convidando a estabelecer um diálogo com outras obras literárias e críticas. No meu caso, é fascinante ler Rosa na Alemanha, encontrar nos seus textos leituras de autores alemães e realizar uma nova leitura dessa fusão a partir da Alemanha: perceber a proximidade entre o sertão tão distante e “outro” e as reflexões tão “próprias”, por exemplo, de Theodor Adorno ou Walter Benjamin. Reflexões e preocupações que também evidenciam que dois países como o Brasil e a Alemanha e suas respectivas Histórias afinal têm muito mais em comum do que normalmente se acredita. Nesse sentido, o encontro com numerosos pesquisadores especializados na obra rosiana representa uma oportunidade e uma tarefa para refletir dentro do movimento das idéias e obras entre os dois países, a Europa e a América Latina. O próprio Rosa deu o exemplo, apropriando-se de forma consciente daquilo que da língua e cultura alemãs servia aos seus interesses e propósitos artísticos.

Uma amostra bem eloqüente do caráter inovador do Seminário Internacional Guimarães Rosa foi o minicurso do prof. Willi Bolle, que combinava o espaço da

aula com o do teatro, levando as pessoas a incorporarem e se apoderarem, através de fragmentos retirados do **Grande sertão: veredas**, do texto rosiano. A idéia central desse projeto é a de superar a distância entre o texto canônico e o leitor comum, mostrando que Guimarães Rosa é de fato “um mestre que ensina a dialogar com o povo” (foi esse o título do minicurso). Um diálogo que em 2005 deverá ser realizado num festival de teatro na Alemanha e na Universidade Livre de Berlim – outra travessia que inspira a esperança de que a relevância e o fascínio da obra rosiana possam receber maior atenção nesse país.

A obra viva de Rosa, vitalizante e revitalizada de diversas maneiras – me parece que é essa a característica que distingue o Seminário Internacional Guimarães Rosa dos congressos comuns. São comoventes e preciosos os momentos em que se manifesta tão claramente a força motriz da atividade artística, do fazer da arte e de sua recepção. Ainda mais se evidencia a íntima relação entre a arte – no nosso caso da literatura – e o trabalho científico dedicado a ela. Faz lembrar ou perceber as possibilidades, e também as tarefas, da crítica e da reflexão sistemática.